

I

Em 1884 ou, mais exatamente, em 30 de janeiro daquele ano, Domingos Antônio Raiol (1), barão de Guajará, presidente da Província de São Paulo, assinou o ato de nomeação do primeiro inspetor de higiene, o dr. Marcos de Oliveira Arruda.

O papel reza : "O presidente da Província, em vista do artigo 13 do Decreto n.º 7387 de 19 de janeiro de 1882, nomeia o dr. Marcos de Oliveira Arruda para servir interinamente o emprêgo de inspetor de higiene pública, sem vencimentos. Palácio do Governo da Província de São Paulo, 30 de janeiro de 1884. Barão de Guajará."

Entretanto, a Inspeção de Higiene de São Paulo teve início somente em 1886, como podemos observar pelo relatório da repartição, correspondente àquele ano, que diz :

"Instalada em 11 de março de 1886, a repartição de higiene da Província de São Paulo continua funcionando sempre no consultório médico do inspetor de higiene, que também a sua custa particular a tem montado e sustentado até hoje.

São numerosas e edificantes as representações que têm sido dirigidas aos exmos. Governos central e provincial, pedindo meios e modos para montar e sustentar tóda a repartição de saúde pública e como até agora nenhuma reclamação tem sido atendida, a Inspeção de Higiene não tem tido outro recurso senão montar e sustentar tóda a repartição a sua custa particular, com grave prejuízo de seus interesses individuais, em favor dos quais espera justo aviso de v. excia., para poder protestar junto ao exmo. Ministro do Império."

De fato, por decreto datado de 3 de fevereiro de 1886, o Governo do Império promoveu ampla reforma nos serviços de saúde do país, subordinando o serviço sanitário terrestre à Inspeção Geral de Higiene, com sede no Rio de Janeiro, continuando sempre a combatida centralização absoluta, que vinha desde 1850 e que se prolongou até 1889, quando foi proclamada a República.

Obedecendo à reforma, no dia 11 de março daquele ano, às 11 horas da manhã, foi instalada a Inspeção de Higiene de São Paulo, e na rua do Palácio n.º 9 seus membros prestaram juramento. Foi o primeiro inspetor-geral, Marcos Arruda, cujo termo de nomeação transcrevemos acima. Além do inspetor-geral, existiam mais dois ajudantes médicos e, nas cidades mais importantes, poderia haver delegados de higiene.

Assim foi no início. Dedicção plena.

Trabalhando gratuitamente e instalando uma repartição pública em seu próprio consultório particular, na rua Direita 25, (2) cujas despesas eram

(1) — Domingos Antônio Raiol (Barão de Guajará) foi presidente da Província de São Paulo, no período de 18 de agosto de 1883 a 28 de março de 1884. Nasceu no Pará em 30 de março de 1830 e diplomou-se pela Faculdade de Direito de Recife.

(2) — A Inspeção de Higiene funcionou ainda nos seguintes endereços : rua do Palácio n.º 10, em 22 de março de 1886 ; rua do Tesouro n.º 9, em 19 de abril ; praça da Sé n.º 13, em 7 de fevereiro de 1887 e a 14 de fevereiro passa a funcionar numa das salas do Palácio do Governo.

feitas de seu bôlso, o dr. Marcos de Oliveira Arruda lançou a pedra fundamental do atual Departamento de Saúde (3).

As dificuldades eram inúmeras. Sem recursos financeiros e mesmo humanos, aquêlê benemérito médico fêz o que era possível. No mesmo relatório acima mencionado, podemos apreciar quantos obstáculos apareceram-lhe pela frente. Vejamos, continuando o texto já iniciado :

“Além dêsses graves embaraços, outros óbices encontrou esta inspetoria na opposição a preceitos de dois de seus membros, os srs. drs. Eulálio da Costa Carvalho e Nicolau Barbosa da Gama Cerqueira (4).

Substituídos êstes dois membros pelos drs. Nestor Freire de Carvalho e Antônio Benedito Marques Cantinho, que, com a melhor boa vontade procuraram conhecer dos seus encargos, nem assim mesmo esta Inspeção pôde desempenhar satisfatoriamente as suas árduas tarefas, porque minguaadíssimos e tão insignificantes são os ordenados dos quatro trabalhadores provinciais pela saúde pública, atente à natureza de seus encargos, que é impossível e até vexatório exigir-se dêles a responsabilidade, guarda e fiel execução dos trabalhos que lhes impõe o cumprimento do vigente Regulamento de Higiene.

Também nesta Província, as autoridades já constituídas como que manifestam zelos antecipados do que esta repartição possa a vir a ser é assim que a Chefatura de Polícia e a Câmara Municipal desta Capital têm obstado, entorpecido ou negado cumprimento às mais razoáveis, refletidas e úteis providências de higiene e saneamento, emanadas desta repartição, conforme por vêzes já foi disso instruída a exma. Inspeção Geral de Higiene.

Por outro lado, continuam sem fazer-se as nomeações dos delegados de higiene na periferia da Província e só últimamente foram nomeados quatro para alguns portos de mar e mesmo com êsses, segundo todos os dias mostra o jornal oficial da Capital, entendem-se diretamente, para todos os misteres, a exma. Presidência da Província. Como, pois, encontrar a indispensável coesão para as relações práticas e tôda a sorte de providências higiênicas com a periferia desta Província onde não há delegados e mesmo com aquêles lugares onde, existindo delegados de higiene, com êles se entendem, sem o intermédio desta repartição, a exma. Presidência da Província ?

Além disso, as vinte e tantas imposições de multa intimadas por esta Inspeção, há mais de oito meses, contra indivíduos que, nesta Capital, sem estarem legalmente habilitados, exercem publicamente a Medicina, os seus diversos ramos, assim como contra ferragistas que negociam em drogas, etc., etc., só têm tido efeito negativo, porque todos êles recorreram ao Presidente da Província e têm redobrado os anúncios charlatânicos.

Ainda mais. Na presidência do exmo. sr. senador João Alfredo Correia de Oliveira, sendo esta Capital ameaçada de uma epidemia de varíola hemorrágica, como narra o seu relatório, foi confiada a debelação do mal exclusivamente à Inspeção de Higiene, que providenciou abrindo o lazareto de variolosos, nomeando médico, enfermeiros, vigiando o isolamento e fiscalizando a higiene e tôdas as desinfecções, de tal sorte que garantiu a saúde pública de uma epidemia que parecia inevitável e que contava as mortes pelo número de atacados, dentro do pequeno prazo de vinte e seis dias, e com grande economia para os cofres públicos, pois conseguiu médicos e outros empregados pela terça parte do preço que todos os anos se costumava pagar.

Foi com muito viva satisfação que tôda a população presenciou êsses fatos e, entretanto, a consequência benéfica que daí resultou para esta repartição é que atualmente

(3) — Diz Francisco Borges Vieira : “Nascida como nasceu, inteiramente desprovida de recursos e até de sede, mantida pela abnegação de seus primeiros funcionários, que lutavam com tôda sorte de dificuldades e mesmo má vontade das organizações oficiais, vendo se imiscuir, logo no nascedouro, a desinteligência entre seus membros, venceu a repartição graças à pertinácia e dedicação de seus primeiros diretores e, de progresso em progresso, apesar de, embora mudados os tempos, os recursos que lhe são destinados estejam sempre muito aquém do que necessitaria, continua a manter posição de destaque entre as organizações estaduais congêneres.”

(4) — Êstes dois funcionários se demitiram em virtude de haver surgido, entre êles e o dr. Marcos de Oliveira Arruda, divergências de ordem funcional. O dr. Costa Carvalho (que já era em 1883, médico da Câmara Municipal), chegou, mesmo, a redigir violentos ataques contra o inspetor-geral, e o dr. Gama Cerqueira, que também não se deu bem ao lado de Marcos Arruda em 10 de junho de 1886 se transferiu para um lugar de médico da Hospedaria dos Imigrantes.

alguns casos de moléstias epidêmicas que têm aparecido, são tratados sem audiência nem ciência oficial desta Inspetoria e igualmente nomeiam-se médicos para, no mesmo tempo, tratar de variolosos e fazerem vacinações e, sem as precisas desinfecções, recolhem-se no lazareto de variolosos, crianças atacadas de sarampão, etc., etc.

Há pouco tempo que esta Inspetoria fêz publicar conselhos higiênicos preventivos e ocasionais de epidemia e principalmente de cólera morbo que não está impedido de nos visitar, se é exata a resultante última da ciência moderna, quando acentua : "que o aparecimento, demora e estragos do cólera estão sempre na razão direta do desasseio e falta de higiene das povoações e se como diz Bilroth — o cólera em suma, é uma só questão de dinheiro e de água.

Pois, para estabelecer a profilaxia da peste colérica, que nos ameaça pelo sul, saneando a Capital e seus principais portos de mar, a Inspetoria entregou à exma. presidência da Província, um projeto de medidas de saneamento que, com muito dispêndio, podiam ser praticadas, e requisitou que se dignasse obter verba, para isso, do exmo. Govêrno Geral.

Foi negativa a resposta do exmo. Govêrno Geral acrescentando que às Câmaras competem o saneamento dos diversos municípios provinciais quando, entretanto, é sabido que as nossas Câmaras Municipais nunca têm recursos nem habilitações para se incumbirem dos saneamentos e é público que a municipalidade desta Capital já está muito alcançada de dívidas, o que se compreende bem, atendendo às necessidades que se impõe diante do vertiginoso aumento de sua população.

Então para que fim se destina esta repartição de higiene, assim isolada de tôda a proteção e sempre incumbida de cometimentos múltiplos e difíceis ? Sem gozar do prestígio das autoridades constituídas, sem verba para montar-se, sem verba para manter-se, sem verba para sanear e fazer higiene, sem casa e sem meios, privada de tôdas as bases indispensáveis para subsistir, quanto mais para beneficiar a saúde pública desta Província ; o que se pode esperar desta Inspetoria ?

A continuar assim, apaga-se a atividade e consome-se o entusiasmo e prestígio dos trabalhadores pela saúde pública e mais valeria aos cofres nacionais suprimir do que deixar sempre agonizante, com tôdas as forças manietadas e sem aspirações nem préstimo possível, uma repartição pública tão essencial e de tanta seiva a aproveitar o que pode prestar os melhores e mais assinalados serviços, principalmente nesta quadra tôda de imigração, onde o imigrante, com razão, só se deixa seduzir pelas boas condições de salubridade dos países que se disputam a preferência de sua escolha.

O desejado, feliz e rápido avultamento desta população pela imigração, não pode deixar de acarretar certa ordem de perigos e graves necessidades para a saúde pública, como os que sempre determinam direta e indiretamente as súbitas diferenças nas densidades dos povos e, conseqüentemente, faz sentir que a natureza, compromissos e importância de serviços de higiene nesta Província, envolvem tanta responsabilidade e tanto se destacam, que seus encarregados não devem e nem podem ter qualquer outra ocupação mais, além da perene tarefa pela saúde pública, sendo por esta mesma razão indispensável se montar, manter e completar a repartição de higiene e duplicar-se a remuneração que percebem os seus quatro membros componentes, o que está muito de acôrdo com as necessidades e com as grandes rendas da Província".

Dêste trecho do relatório do dr. Marcos Arruda, é fácil deduzirmos quais eram as dificuldades existentes nos primórdios da Inspetoria de Higiene. Tudo isto ao lado da completa falta de asseio e desconhecimento quase que total dos mais mezinhos preceitos de higiene, pelo povo, podemos aquilatar o trabalho hercúleo e heróico do dr. Marcos de Oliveira Arruda, à testa da sua repartição, responsável, apesar do desamparo quase que completo por parte do Govêrno, pela saúde dos habitantes da terra paulista.

Para deixar mais negro o quadro sanitário da época, diremos que a febre amarela reinava. Era um flagelo para a população e um pesadelo para os responsáveis pela saúde pública. Depois, a cólera, a peste, a lepra, a varíola, a malária, o tracoma, a escarlatina, a febre tifóide, a difteria e tantas outras formas de doença.

Graças à ação extraordinária de Marcos de Oliveira Arruda e seus companheiros, que mantiveram de pé, sem esmorecer um minuto, a Inspetoria de Higiene prolongou-se pelo tempo, até nossos dias, realizando trabalhos notáveis por intermédio de vultos inesquecíveis, autores de campanhas imorredouras que possibilitaram a erradicação de todo aquêl rol de males, se não por completo, ao menos na sua maior porção, das listas obituárias de São Paulo. Falamos de homens da fibra de Sérgio Florentino de Paiva Meira (5), Emílio Marcondes Ribas (6), Guilherme Álvaro da Silva (7),

(5) — Sérgio Florentino de Paiva Meira, nasceu na Vila do Pilar, então província da Paraíba, em 17 de setembro de 1857, filho de João Florentino Meira de Vasconcelos, senador do Império e de dona Maria Augusta de Paiva Meira. No ano de 1875 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro diplomando-se em 1880. Transferiu-se, no ano seguinte, para Campinas, Estado de São Paulo, ficando nesta cidade até 1889. Ai casou-se com d. Adelaide de Sousa Aranha. Faleceu o dr. Sérgio Meira às 22 hs. e 15 m., do dia 30 de abril de 1917. Sérgio Meira foi nomeado inspetor-geral de Higiene da Província de São Paulo, tomando posse aos 21 de agosto de 1889, permanecendo no cargo até 21 de março de 1893. À frente da Inspetoria de Higiene Sérgio Meira criou vários serviços como o Instituto Vacinogênico, Laboratório de Análises Químicas, Laboratório de Bacteriologia, Laboratório Farmacêutico etc.

"A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com o passamento do dr. Sérgio Paiva Meira, perdeu um de seus sócios mais dedicados, a quem ela tudo deve. Foi por indicação daquele saudoso colega, que a 24 de fevereiro de 1895, no prédio da Rua São Bento 23, reuniram-se diversos clínicos para lançarem os alicerces daquela Casa."

Director-clínico da Beneficência Portuguesa, fêz parte da mesa da Santa Casa e foi um dos presidentes da Sociedade Médica Beneficente de São Paulo. Foi um dos fundadores da Policlínica e da Gôta de Leite. Instituiu, ainda, o preparo da vacina antivariólica.

(6) — Indiscutivelmente Emílio Marcondes Ribas foi um dos pontos altos e quiçá o mais elevado dêles, na vida sanitária paulista. "O maior higienista de São Paulo" no dizer de José Antônio Alves dos Santos. O mesmo Alves dos Santos, com razão e infelizmente, ainda diz:

"O contritador desconhecimento que ainda pesa sobre a personalidade e o fecundo labor de Emílio Ribas, a frente do Serviço Sanitário de São Paulo, faz que a outrem seja atribuindo e mérito de estudos e campanhas memoráveis, cuja primazia indiscutivelmente lhe pertence."

Não foi sem razão que Manuel José Ferreira o alcunhou de "Ribas, o esquecido," na conferência que pronunciou no 3.º Congresso Brasileiro de Higiene, em novembro de 1926. Esse esquecimento é verdadeiro. Em conferência pronunciada por ocasião do bicentenário de Campinas, patrocinada pelo Centro de Cultura Intelectual daquela cidade, o dr. Francisco Borges Vieira falou:

"Eis alguns de seus títulos:

Saneador de Campinas e de São Paulo, título conferido por Osvaldo Cruz, que lhe seguiu as pegadas, saneando posteriormente o Rio de Janeiro. Triunfador de muitas batalhas contra os poderosos agentes da febre amarela, da varíola, da febre tífóide! Salvador da vida de milhares de brasileiros! Reformador da administração sanitária paulista, em moldes modernos! Criador de organismos administrativos imprescindíveis à conservação do bem estar e ao progresso da raça! Pioneiro da prática de novos métodos! Glória de São Paulo e do Brasil! Tudo isto foi Emílio Ribas. A força que o impeliu para tão beneméritas campanhas, originou-se entretanto, nesta cidade de Campinas, cuja Comissão Sanitária proficientemente dirigiu de 1896 a 1898, quanto aceitou o convite feito pelo então presidente Peixoto Gomide, para assumir o cargo de Director do Serviço de Higiene do Estado."

O maior mérito de Ribas, no saneamento de Campinas, está no fato de êle o ter feito de 1896 a 1898. Conseguiu resultados surpreendentes, anulando a ação daquela moléstia, antes portanto, das experiências realizadas em Cuba e mais tarde em São Paulo, pelo próprio Ribas que provou a não contagiosidade da febre amarela. É de se notar que o método usado em Campinas, ainda foi o da desinfecção e isolamento dos amarelicos, além de outras providências de caráter higiênico, que é certo, foram a morte da terrível moléstia. Foram medidas empíricas, como diz Borges Vieira, mas salvadoras. Mais tarde vieram a ser confirmadas em Havana, por Reed, Carroll, Agramonte e Lazear. Na velha cidade de Pindamonhangaba, às margens do rio Paraíba, que forneceu ao país uma plêiade de ilustres paulistas, a 11 de abril de 1862, nasceu Emílio Marcondes Ribas, filho de Cândido Marcondes Ribas e de d. Andradina M. Machado Ribas. Depois de formado em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, regressou a sua cidade natal e mais tarde clinicou em Tatuf e Santa Rita do Passa Quatro. Ingressou no serviço público em 11 de setembro de 1895. Sua carreira de sanitário, podemos dizer, foi iniciada com o saneamento de Campinas, indicado por Joaquim José da Silva Pinto Júnior, então diretor geral do Serviço Sanitário, para em 1896, pôr côbro à febre amarela naquela cidade, cujo resultado tão bem nos contou Borges Vieira. Em 15 de abril de 1898, foi nomeado diretor-geral do Serviço Sanitário, a convite do presidente do Estado, Peixoto Gomide que lhe passou o seguinte telegrama:

"Contando com vosso auxilio em bem do serviço público, acabo de vos nomear diretor do Serviço Sanitário — saudações, 15-4-1898."

Neste cargo ficou até 11 de abril de 1917 (dia de seu aniversário), portanto durante 19 anos, sem descontinuar o tempo em que estêve substituído interinamente.

"Durante sua direção naquele importante departamento da Secretaria do Interior o illustre facultativo applicou tôda sua atividade e esforçou-se, extraordinariamente para, dotar a cidade de São Paulo de inúmeros melhoramentos de acôrdo com as exigências higiénicas. Foi assim que colocou S. Paulo como a primeira capital da República, em matéria de hygiene."

Estas palavras são lidas em "Pindamonhangaba através de dois e meio séculos," de Atáfê Marcondes. Viajou pela Europa e América do Norte, em 1908, por indicação do Govêrno, para estudar a tuberculose e sua profilaxia. Foi nessa ocasião que, em França, foi convidado oficialmente para combater, na Martinica, a febre amarela que grassava naquela possessão francesa. Este convite foi feito por meio de um telegrama do nistro do Brasil em Paris, dirigido ao Dr. Bulcão, consul em Bruxelas. O texto é este:

"Buleão consul do Brésil. 169 Chaussée Charlevoi Br. Paris. Rogo dizer a doutor Ribas, govêrno francês o convida fazer parte missão doutor Simond febre amarela Martinica. Resposta urgente."

O telegrama vinha assinado por Gabriel de Toledo Piza. Ribas não aceitou. De volta a São Paulo ideou a construção de um sanatório para tuberculosos, nas montanhas de Campos de Jordão. Não titubeou ante as dificuldades que lhe antepuzeram, inclusive a falta de comunicações. Alimentou, então, a idéia de construir uma estrada de ferro que, partindo de Pindamonhangaba, atingisse os altos da Mantiqueira. Foi assim que no dia 28 de outubro de 1911, Albuquerque Lins, governador do Estado, assinou a lei n.º 1264-A, que reza :

"Faço saber que o Congresso legislativo do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte :

Artigo 1.º — É concedido aos drs. Emílio Marcondes Ribas e Victor Godinho o direito de construir, por si ou empresa que organizarem, uma estrada de ferro de bitola de um metro, por tração elétrica ou a vapor, ligando a cidade de Pindamonhangaba aos Campos do Jordão, nas imediações da Vila Jaguaripe e um ramal férreo, que partindo do ponto mais conveniente dessa linha, vá terminar nos limites do Estado de São Paulo com o de Minas Gerais, passando pelo município de São Bento do Sapucaí.

Artigo 2.º — Os concessionários, etc. . . ."

No dia 1 de outubro de 1912 foram encetadas as obras sob a orientação dos engenheiros Antonio Prudente de Moraes, José Antonio Salgado e Guilherme Winter. Esta obra que sobe 40 quilômetros com aterros, cortes e pontes de grande vulto, em mais ou menos oito meses, estava já pronta. Ataíde Marcondes em seu livro já citado, ainda diz :

"Quem constrói uma estrada para conduzir a humanidade sofredora a um verdadeiro paraíso, merece as bênçãos, os aplausos e a gratidão de todos."

Logo depois de ter assumido a diretoria geral do serviço sanitário do Estado, um árduo problema se fez sentir, com o surto da peste negra. Em fins de 1899 o mal levantino que já se fazia sentir na cidade do Porto — Portugal — ameaçava tomar conta da Europa e América. À vista desta ameaça, tomou todas as medidas preventivas a seu alcance na cidade de Santos cujo pórtico poderia ser a porta de entrada do mal, fazendo exames minuciosos, sempre que necessários, em todos que se supunha portador da peste, mandando, para isso, àquela cidade litorânea, Vital Brazil, assistente do Instituto Bacteriológico. No que diz respeito à febre amarela, Emílio Ribas, foi, também, um grande. Desde 1889 que vinham surgindo, em diversos pontos do Estado, epidemias daquela virose, que deixavam a população interiorana sempre em constante apreensão. Encarou o problema de frente e alicerçou o serviço sanitário em novas bases reorganizando-o integralmente. Nesta ocasião é que o dr. Ribas, diretor do serviço sanitário, fez as célebres experiências no Hospital de Isolamento (que hoje leva o seu nome), sobre a transmissão da febre amarela pelo mosquito e não transmissibilidade pelos *fomites*, segundo a opinião de Carlos Juan Finlay, notável médico cubano, que afirmava esse modo de transmissão. Dessas experiências, resultou que o govêrno do estado ofereceu-lhe, em sessão pública e solene, uma medalha de ouro e um diploma com os seguintes dizeres :

"Salus Publica. O govêrno do Estado de São Paulo, tendo em consideração o ato humanitário do sr. dr. Emílio Marcondes Ribas que sujeitou-se, espontaneamente, a experiências realizadas no Hospital de Isolamento desta capital, no intuito de demonstrar-se a transmissão da febre amarela pelo *Stegomyia fasciata*, confere-lhe uma medalha de ouro em testemunho de apreço e reconhecimento. São Paulo, 12 de outubro de 1903. O presidente do Estado, Bernardino de Campos. O secretário do Interior, Bento Bueno."

Sabemos mais, que um dos nossos deputados ao Congresso do Estado, o dr. Cesário Travassos, pretendeu apresentar um projeto autorizando dar ao dr. Ribas um prêmio de 200 contos de réis e o direito à aposentadoria em qualquer época, com todos os vencimentos. Informado desses desígnios, o dr. Ribas apressou-se em solicitar daquele deputado, também médico, que desistisse dos seus nobres intentos, pois que se julgava retribuído com a consciência de ter bem servido ao Estado e com as demonstrações de apreço, recebidas do govêrno. Este fato está exposto em carta que Cesário Travassos escreveu a Vitor Godinho.

Vital Brazil diz :

"Cuidou ainda, com largueza de vistas, do combate à tuberculose, febre tifóide, difteria, impaldudismo, aniclostomose, tracoma, etc. A atuação do dr. Emílio Ribas, na direção do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, foi tão variada e eficiente que, pode-se dizer, não houve assunto sanitário que não fôsse por êle abordado com proveito."

É criação do dr. Ribas, o Instituto Butantã, a Seção de Proteção à Primeira Infância, a Inspeção Sanitária Escolar, o Serviço de Profilaxia e Tratamento do Tracoma. Reorganizou o Serviço Sanitário, o Desinfetório Central, o Laboratório de Análises Químicas e Bromatológicas, o Laboratório Farmacêutico e a Seção de Engenharia Sanitária.

Para finalizar vamos transcrever, aqui, algumas palavras de outro cientista insigne, o fisiólogo Clemente Ferreira.

"Seja como fôr, o que desejamos pôr em destaque vem a ser que nos debates e discussões que então se levantaram, os estudos e contribuições do dr. Emílio Ribas, fruto de seu espírito de observador tenaz e paciente, foram largamente aproveitados pelos higienistas e epidemiólogos notáveis da França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, podendo-se afirmar que o preclaro higienista paulista foi um clarividente precursor neste campo de pesquisas e indagações, o que constituiu mais um título de merecimento e de glórias para a sua carreira triunfante no departamento Sanitário do Estado.

O emérito profissional, competente e estudioso higienista, pôde ufanar-se do mundo que projetou e que conseguiu no ponto de vista do bem estar público, da salubridade e do progresso sanitário do Estado de São Paulo.

Seu concurso para solução de empolgantes problemas higiénicos e sociais foi decisivo e predominante a parte que lhe coube nos progressos higiotécnicos deste Estado, para o que muito contribuíram sua invejável capacidade e método do trabalho, sendo que, no largo período de sua gestão, foi sempre um realizador prático do tempo integral. Que o digam seus prestantes auxiliares e colaboradores, que o viram sempre na estacada, incansável e tenaz, consagrando-se exclusivamente aos árduos e penosos encargos do seu pósto cheio de responsabilidades e erigido de ingentes obstáculos."

(7) — O dr. Guilherme Álvaro da Silva nasceu no Rio de Janeiro no dia 1 de junho de 1889, filho de Francisco Álvaro da Silva e d. Júlia Eyek Álvaro. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1890. Em 1895 veio para São Paulo a convite de Campos Sales, sendo nomeado médico do Serviço Sanitário. Em 1899 foi designado, quando da epidemia de peste em Santos, para chefiar o serviço de saúde pública naquele pórtico. Em Santos permaneceu cerca de 27 anos. Era médico oculista e sanitaria, tendo se destacado nos dois ramos da medicina que com dedicação abraçou. Faleceu em 19 de dezembro de 1930.

José Bento de Paula Sousa (8), Vitor Pereira Godinho (9), Adolfo Lutz, Artur Neiva (10), Vital Brazil Mineiro da Campanha (11), Artur Vieira de Mendonça (12), Arnaldo Vieira de Carvalho (13), José Martins Bonilha de Toledo (14), Franco da Rocha (15), Cândido Espinheira (16), Coriolano Burgos, (17), Carlos Botelho (18), Teodoro da Silva Baima (19), Cesário Mota Júnior (20), Delfino Cintra (21), Augusto César de Miranda Azevedo (22), Manuel de Assis Vieira Bueno (23), Bittencourt Rodrigues (24), Álvaro César da Cunha Soares e toda uma plêiade de grandes nomes.

(8) — José Bento de Paula Sousa nasceu em Mogi Mirim em 7 de novembro de 1852, filho do conselheiro Antônio Francisco de Paula Sousa. Foi várias vezes diretor-geral do Serviço Sanitário. Faleceu em 13 de setembro de 1919.

(9) — O dr. Vitor Pereira Godinho formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1887, sendo colega de turma de Emílio Ribas e Teodoro Baima. Foi diretor do Hospital de Isolamento de 1915 a 1919, quando aposentou-se. Foi professor da Escola de Farmácia de São Paulo, onde lecionou até seu falecimento. Deixou ampla bibliografia científica e vários romances. Nasceu em 1862 e morreu em 1922 no Rio de Janeiro.

(10) — Artur Neiva nasceu em Salvador no dia 22 de março de 1880. Diplomou-se em medicina, no Rio de Janeiro, em 1903. Faleceu aos 62 anos no Rio de Janeiro. Médico, higienista, biólogo, literato, historiador, político, filólogo e administrador. "Inteligência brilhante e notável capacidade de trabalho". Trabalhou durante muitos anos no Instituto de Manguinhos. Em 1916 tomou posse da diretoria-geral do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Foi Neiva, que quando convidado para assumir a direção da Saúde Pública federal, recusando aquêle posto, pronunciou a célebre frase:

"São Paulo é uma poderosa locomotiva arrastando vinte vagões vazios".

Em 1913 dirigiu o Museu Nacional do Rio. Fundou e dirigiu, por algum tempo, o Instituto Biológico do Estado de São Paulo. Em 1931 foi nomeado para exercer as funções de secretário do Interior, e daqui só se retirou para assumir a interventoria de seu Estado natal, a Bahia. Faleceu em 1943.

(11) — Vital Brazil nasceu em 28 de abril de 1865 e faleceu em 8 de maio de 1950.

(12) — O dr. Artur Vieira de Mendonça faleceu em 1915. Foi, em seu tempo, ferrenho polemista e avesso às teorias de Carlos Juan Finlay, sobre a transmissão da febre amarela.

(13) — Arnaldo Vieira de Carvalho foi diretor do Instituto Vacinogênico, cirurgião-chefe do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, professor da Policlínica e fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo.

(14) — O dr. Bonilha de Toledo nasceu em Capivari, Estado de São Paulo, diplomando-se, em medicina, na cidade de Bruxelas (Bélgica). Lecionava Bacteriologia na Faculdade de Farmácia de São Paulo e foi chefe de Clínica Médica da Santa Casa de Misericórdia paulistana. Voltando de Paris, onde fora estudar os fermentos vínicos, tentou conseguir a cafeína em estado de pureza, quando a morte o colheu aos 32 anos de idade, em 1903. Fez vários estudos sobre a urina.

(15) — Franco da Rocha nasceu em Amparo, em 1864, e diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1890. Médico psiquiatra. Foi fundador e diretor do hospício do Juqueri, reorganizando completamente a assistência aos alienados, estudando novos métodos na Grã-Bretanha e aplicando-os entre nós. Hoje o município de Juqueri leva seu nome. Franco da Rocha faleceu em 8 de novembro de 1933.

(16) — Cândido Espinheira faleceu em 1915, quando era diretor do Hospital de Isolamento.

(17) — Coriolano Barreto Burgos nasceu em 1860.

(18) — O dr. Carlos Botelho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, professor da Policlínica e diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

(19) — O dr. Teodoro Baima nasceu em São Luís, capital do Maranhão, em 29 de novembro de 1863. Formou-se em medicina pela Faculdade da Capital Federal, em 1887. Veio para São Paulo, clinicando em Brotas. Em 1896 entrou para o Serviço Sanitário, sendo inspetor sanitário em Campinas, onde terminou a obra que Emílio Ribas começara, de combate à febre amarela. Em 1902 transferiu-se para a Capital, sendo nomeado mais tarde, em 1905, assistente do Instituto Bacteriológico e, em 1916, seu diretor. Faleceu em 14 de novembro de 1918, colhido pelo formidável surto de gripe espanhola que assolou o mundo naquele ano. Deixou várias obras médicas.

(20) — Cesário Mota (Cesário Nazianzeno de Azevedo Mota Magalhães Junior) nasceu em Pôrto Feliz em 5 de março de 1847 e faleceu na Capital Federal em 25 de abril de 1897. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e foi, no Estado de São Paulo, secretário do Interior e deputado federal, tendo já sido, no tempo do Império, deputado republicano à Assembléia da Província. Filho de pai do mesmo nome (também médico, formado em 1841). Nasceu em Itu, clinicou em Pôrto Feliz, onde lhe nasceu o filho que se caracterizaria como o grande reformador da saúde pública paulista.

(21) — Em 20 de dezembro de 1912 foi inumado no Cemitério da Consolação o dr. Delfino Cintra (Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra), falecido em janeiro de 1911.

(22) — Miranda Azevedo nasceu em Sorocaba em 10 de outubro de 1851, falecendo, na capital paulista a 12 de março de 1907. Diplomou-se em medicina no Rio de Janeiro no ano de 1874. Exerceu sua profissão, por algum tempo, em Guaratinguetá e depois em São Paulo. Foi o primeiro presidente do Congresso Estadual e professor de Higiene Pública da Faculdade de Direito de São Paulo.

(23) — O dr. Vieira Bueno era natural de Sorocaba, onde nasceu a 2 de novembro de 1848 e morreu em Campinas a 9 de outubro de 1905. Formou-se pela Faculdade do Rio de Janeiro.

(24) — Bittencourt Rodrigues era português, mas esteve durante vários anos entre nós, voltando, posteriormente, para sua terra, onde faleceu em 1933, com quase 80 anos de existência. Bittencourt Rodrigues veio para São Paulo, pelo fato de não obter, injustamente, a direção do Hospício de Rilhafolles, em Lisboa, não obstante ter feito excelente concurso. Deram a outro a diretoria do Hospício. Trabalhou, em França, com o sábio Charcot. Voltando a Portugal, dedicou-se à política, sendo embaixador de seu país em Paris e ministro das Relações Exteriores no Governo do general Carmona. Foi, por algum tempo, chefe do Departamento de Medicina Interna da Policlínica de São Paulo.

Êsses homens mudaram por completo a fisionomia da Província e depois Estado de São Paulo, trocando aquêlê ambiente de constante apreensão e vigilância diária, para o bem-estar e sossêgo da nossa gente.

Conseguiram dar, em 1903, a febre amarela por encerrada. A malária, que ocupava lugar destacado na mortalidade, baixou consideravelmente sua ação, de 149 vítimas em 1898, para 17 em 1912. A peste apenas matou 51 pessoas até 1912, desde seu aparecimento no pôrto de Santos, em 1899. A febre tifóide teve sua curva ascendente, que já atingia o coeficiente de 96,95 óbitos por 100.000 habitantes, quebrada para a altura de 24, 75. A difteria caiu de 14,34, para 9,75 em 1912, em relação àquelas mesmas cem mil almas.

A éscarlatina e a varíola praticamente desapareceram.

Ê éste, portanto, sumàriamente, o esquiço do aparecimento da Inspetoria de Higiene de São Paulo.

Já dissemos quem e como foi o primeiro inspetor-geral. Ê um intróito para melhor compreensão do ambiente sanitário na ocasião em que foi criado o Laboratório de Bacteriologia.

Pulemos a gestão de Nestor Freire de Carvalho, que substituiu, interinamente, Marcos de Oliveira Arruda, durante suas férias e viagem à Europa, de 14 de maio a 20 de agôsto de 1889.

Mas, antes de pararmos na diretoria de Sérgio Florentino de Paiva Meira, espaço de tempo em que veio à luz o Laboratório de Bacteriologia; hoje Instituto Adolfo Lutz, fruto de uma fecunda administração, vejamos a definição clara de Marcos de Oliveira Arruda, por Américo R. Neto :

"Não tivesse êste trabalho as proporções e os limites de um despretençioso ensaio, tentaríamos a reconstituição da figura verdadeiramente histórica de Marcos Arruda, uma das mais impressionantes que rotulam esta galeria. Sabia compreender e queria satisfazer as necessidades e urgências do momento e de local e não se arreceiava de enfrentar os maiores obstáculos que se opunham ao seu ideal, a principiar pela excessiva centralização tão característica de sua época.

Longe de considerar seu posto como um prêmio, teve-o como lugar de sacrificio e assim instala, a sua própria custa, no seu consultório particular, a incipiente Inspetoria de Higiene, montando-a e sustentando-a inteiramente de seu bolso.

E, além de sempre manter elegantes mas insistentes lutas contra as tendências absorventes da Côrte, no Rio de Janeiro, encontrava entre seus próprios companheiros, quem o quisesse contrariar nos seus propósitos de beneficiar a coletividade. Tudo isto, aliás, sem o mínimo proveito de ordem material, pois fôra nomeado sem vencimentos e em caráter interino.

Marcos Arruda não demorou muito tempo à frente dos serviços de saúde de São Paulo, a respeito de cuja organização e cujo funcionamento apresentou elucidativos relatórios.

Foi para a Europa em viagem de estudos, cabendo a Sérgio Meira substituí-lo, aliás, com orientação também progressista, sempre em luta mais ou menos franca contra a centralização da Côrte."